

É com muito prazer que apresentamos este número especial da revista *Qorpus* dedicado a James Joyce. Ele é fruto do “I Workshop in Progress” do grupo de pesquisa Estudos Joycianos no Brasil, ocorrido nos dias 6 e 7 de junho de 2019, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Este número especial está dividido em cinco seções: “Ensaaios”, “Artigos”, “Traduções”, “Resenha” e “Entrevistas”.

Em “Ensaaios”, Patrick O’Neill nos brinda com uma irreverente gama de possibilidades de tradução do título de *Finnegans Wake*. “Translators, Titles, Texts: Reading the First Two Words of *Finnegans Wake*” (“Tradutores, títulos, textos: a leitura das duas primeiras palavras de *Finnegans Wake*”) é uma divertida reflexão sobre os desafios enfrentados por tradutores de *Finnegans Wake* para mais de uma dezena de línguas. Agradecemos ao Laboratório de Tradução da Universidade Federal Fluminense pela tradução do texto para a língua portuguesa.

O ensaio de Donaldo Schuler, tradutor brasileiro de *Finnegans Wake* completo, “Rememranças oníricas de Finnicius a Finn” nos leva por um erudito e revelador passeio de *Ulysses* a *Finnegans Wake*, que nos ensina que “rememorar não é o mesmo que recordar, rememorar é recolher membros do que se desmembrou, é refazer o desfeito”. Ainda na seção “Ensaaios”, o texto de Martha Pulido, “Derivas en la lectura de *Dublineses*”, parte do conceito de dislocação, de Fritz Senn, para tentar iluminar um “erro” de tradução de Cabrera Infante em *Dublineses*, o que terminou por levá-la à obra “Simón el Mago”, do escritor colombiano Tomás Carrasquilla.

Na seção “Artigos”, “Joyce, Brancusi e Matisse: traços (in)compreensíveis”, Sérgio Medeiros discorre sobre os trabalhos de ilustração do escultor romeno Constantin Brancusi e do pintor francês Henri Matisse e os contextualiza quanto à sua gênese e processo de desenvolvimento. Enquanto Brancusi havia desenhado “um símbolo de Joyce”, Matisse aproximou, através de suas criações, o Ulisses homérico do joyciano.

Em “*Finnegans Wake*: uma tentativa de travessia em português”, Dirce Waltrick do Amarante traz à tona a miríade de possibilidades de leitura e significados que o tradutor pode atribuir às frases e palavras contidas no multifacetado *Finnegans Wake*, tendo apenas como bússola os estudos empreendidos por outros tradutores e estudiosos que, como ela, decidiram tomar para si a tarefa de tentar desbravar uma das obras do universo joyciano.

“Do rio-romance à literatura dramática *and back again* – navegando o *Finnegans Wake*”, de Tarso do Amaral de Souza Cruz, é uma tentativa de apresentar uma forma de acesso a *Finnegans Wake* pela noção de haroldiana de ‘romance-rio’ conjugada à centralidade que tem a noção de conflito para todo o ‘projeto’ da obra joyciana.

Em “A escrita opaca de Samuel Beckett, após *Finnegans Wake* e James Joyce”, Larissa Lagos examina o modo como se deu a construção da relação entre Samuel Beckett e James

Joyce, este tendo sido uma grande influência na carreira literária do primeiro, especialmente no início. De “Home Olga” aos “Enuegs”, o artigo analisa os pormenores da escrita beckettiana, que traz os influxos do conterrâneo também expatriado na França, evidentes nos diversos jogos linguísticos contidos em cada um dos textos de Beckett.

Em *De Stephen Hero a Finnegans Wake: James Joyce e seu projeto estético*”, Leide Daiane de Almeida Oliveira esquadriha a correspondência que existiria entre *Stephen Hero* e *Finnegans Wake*, já que o primeiro já trazia os primeiros esboços dos malabarismos linguísticos que posteriormente atingiriam seu ponto máximo no complexo romance joyciano de 1939.

“The Portrait of the Artist as a Satanic Man: Stephen’s Pride and the Presence of Milton”, de Renata D. Meints Adail, destaca, da rede intertextual da obra de Joyce, a relação com John Milton, traçando as relação de *Paradise Lost* com *Stephen Hero* e *A Portrait of the Artist as a Young Man*, especialmente no que diz respeito ao uso da palavra *pride* (orgulho).

Em “Apropriação e transgressão no monólogo interior de *Ulysses*”, Camila Hespanhol Peruchi discute as formas de representação da consciência das personagens em *Ulysses*. A autora destaca o trabalho de Joyce com o monólogo interior e o discurso indireto livre. Para isso, ela seleciona passagens da obra e nelas discute, de forma clara e convidativa, o uso dessas duas técnicas por Joyce.

Para “traduções”, Caetano Galindo enviou um excerto inédito de sua tradução em andamento, “Juto & Muto (um excerto do *Finnegans Wake*)” e Vinícius Alves selecionou duas de suas traduções de poemas de *Pomes Penyeach* para que fossem reproduzidas neste número. Em “Resenha”, Fedra Rodríguez analisa o livro recentemente lançado *James Joyce and the Matter of Paris*, resultante das pesquisas desenvolvidas por Catherine Flynn, professora associada da Universidade de Berkeley. A obra faz um mergulho na relação de Joyce com a Paris haussmaniana e burguesa, a qual serviria como um espelho para a construção de uma Dublin moderna e para a criação de uma escrita senciente.

Na última seção, “Entrevistas”, “Interview with Fritz Senn”, Vitor Alevato do Amaral apresenta aos leitores a entrevista com Fritz Senn, fundador da Zurich James Joyce Foundation. Nessa conversa, o pesquisador suíço, que se considera um *amateur*, dá a conhecer suas impressões sobre o momento atual e o futuro dos estudos joycianos, assim como o papel de obras como *Ulysses* na formação do cânone da literatura do século XX.

Marzelo Zabaloy, tradutor argentino de *Ulysses* e *Finnegans Wake*, foi entrevistado por Luis Henrique Garcia Ferreira. Nesta entrevista, Ferreira apresenta particularidades do percurso pessoal e profissional de Zabaloy, levando o tradutor argentino a revelar os meandros e desafios de verter, na íntegra, à língua de Borges e García Márquez os dois complexos romances do escritor irlandês.

Por último, José Roberto Basto O’Shea, tradutor de *Dubliners* e *Stephen Hero*, foi entrevistado por Emily Arcego e Bruna Silva Fragoso. O’Shea relata os recursos e ferramentas necessárias de que precisou para levar adiante o projeto tradutório que teve como resultado as duas traduções de *Dubliners*, em períodos distintos, bem como as imposições do mercado editorial, especialmente no que diz respeito à originalidade da tradução e até mesmo à estrangeirização de certos termos e referências.

Esclarecemos aos leitores que as referências a *Finnegans Wake* seguem o usado nos estudos joycianos, isto é, a abreviação *FW* seguida de número de página e linha. Igualmente, as referências a *Ulysses*, todas feitas da edição da Edição de Gabler, seguem o padrão de abreviação *U* seguida de número de episódio e linha.

Esperamos que aproveitem esta edição.

Até o “II Workshop in Progress”, em 2021.

Fedra Rodríguez, editora convidada.
Vitor Alevato do Amaral, editor convidado.